



AFEIÇÕES
RELIGIOSAS

Jonathan Edwards

Edwards acreditava que a alma tem duas faculdades: o *entendimento* e a *inclinação*, também chamada de *vontade*. As afeições estão ligadas à última e, como ele mesmo as define, “são as atividades mais pujantes e sensatas da inclinação e da vontade da alma”. Com notável erudição e respaldo bíblico, Edwards mostra que essas *afeições santas* são essenciais à santidade e à religião, tão indispensáveis a ponto de ele afirmar que aqueles contrários a essa proposição deveriam jogar suas Bíblias no lixo. Mas, ao mesmo tempo que certas afeições devem ser cultivadas, o autor defende que outras precisam ser constantemente rejeitadas e mortificadas. E é exatamente isso que esse livro nos ensina a fazer.

Justin Taylor, The Gospel Coalition

“Examinai a vós mesmos, para ver se estais na fé.” Podemos dizer que a recomendação de Paulo em sua Segunda Carta aos Coríntios foi uma das principais inspirações de Edwards para escrever *Afeições religiosas*, um livro que a cada página encoraja os leitores a pôr em prática o conselho do apóstolo. De acordo com Edwards, os verdadeiros cristãos manifestam seus corações regenerados por meio de anseios e desejos divinos, como o amor e a alegria. Ore enquanto ler esse livro e você encontrará muito para iluminar sua mente e aquecer seu coração. Na verdade, você vai se deparar com verdades que lhe oferecerão alegria a partir de agora e durante toda a eternidade.

Mark Talbot, PhD, professor-adjunto de Filosofia na Wheaton College e um dos autores do livro *Suffering and the sovereignty of God*



Sumário



Prefácio	9
PRIMEIRA PARTE	
Sobre a natureza das afeições e sua importância na religião	17
SEGUNDA PARTE	
Não há sinais inquestionáveis de que as afeições religiosas sejam cheias da graça nem de que não sejam	51
I. As afeições religiosas serem mui grandiosas ou de nível elevado não significa nem uma coisa nem outra	52
II. As afeições religiosas terem fortes efeitos no corpo não significa que tenham a natureza da religião verdadeira nem que não a tenham	56
III. As afeições religiosas capacitarem aqueles que as têm a falar com eloquência, fervor e prodigalidade das coisas da religião não significa que sejam cheias da graça nem que não sejam	60
IV. As afeições religiosas não serem produzidas nem estimuladas mediante artifícios e habilidades das pessoas não significa que sejam cheias da graça nem que não sejam	62
V. As afeições religiosas virem acompanhadas de passagens das Escrituras trazidas à mente de modo incomum não é nem deixa de ser indicação de que tais afeições sejam de fato santas e espirituais	67
VI. As afeições religiosas terem aparência de amor não é prova de que sejam da salvação nem de que não sejam	70
VII. As pessoas terem afeições religiosas de várias espécies, todas juntas, não é suficiente para definir se elas têm alguma afeição da graça	72

- VIII. Consolo e alegria acompanharem convicção e despertamento de consciência, em determinada ordem, nada pode definir seguramente sobre a natureza das afeições 75
- IX. As afeições religiosas predisporerem as pessoas a dedicar muito tempo à religião e se envolverem com zelo nas obrigações exteriores do culto não é nenhum sinal seguro de que as afeições dessas pessoas tenham a natureza da religião verdadeira, nem de que não a tenham 87
- X. As afeições religiosas causarem forte disposição nas pessoas para louvar e glorificar a Deus com os lábios não permite saber nada ao certo sobre sua natureza 89
- XI. As afeições religiosas proporcionarem às pessoas confiança extraordinária de que a experiência que estão vivendo é divina e de que elas se encontram em boa condição não é sinal de que essas afeições sejam certas nem de que não sejam 91
- XII. As manifestações exteriores das afeições religiosas e seus relatos serem mui tocantes e agradáveis para os piedosos autênticos e assim lhes conquistar o coração e a generosidade não permite concluir nada acerca da natureza dessas afeições 104

TERCEIRA PARTE

- Apresentam-se os sinais característicos das afeições genuinamente santas e cheias da graça 115**
- I. As afeições verdadeiramente espirituais e cheias da graça nascem das influências e operações espirituais, sobrenaturais e divinas no coração 119
- II. O primeiro fundamento objetivo das afeições da graça é a natureza de amabilidade e excelência transcendentais das coisas divinas tais como estas são em si mesmas, e não alguma suposta relação que tenham com o indivíduo ou com seu próprio interesse 158
- III. As afeições autenticamente santas se assentam sobretudo na amabilidade da excelência moral das coisas divinas 172
- IV. As afeições da graça nascem da mente iluminada rica e espiritualmente para entender e perceber as coisas divinas 184
- V. As afeições verdadeiramente oriundas da graça são acompanhadas de sensata convicção espiritual do juízo, da realidade e da certeza das coisas divinas 208

VI. As afeições da graça são acompanhadas da humilhação, ou mortificação, evangélica	226
VII. Outro ponto em que as afeições da graça se distinguem das outras é o serem acompanhadas de mudança de natureza	253
VIII. As afeições genuinamente oriundas da graça diferem das falsas e ilusórias porque são acompanhadas do espírito semelhante ao do cordeiro e da pomba e da índole de Jesus Cristo. Em outras palavras, elas geram e promovem um espírito de amor, mansidão, tranquilidade, perdão e misericórdia como o de Cristo	258
IX. As afeições cheias da graça abrandam o coração e são acompanhadas da ternura de espírito cristã	271
X. Outro ponto que difere as afeições verdadeiramente santas e cheias da graça das afeições falsas é a beleza da simetria e das proporções	277
XI. Outra diferença importante e muito característica entre as afeições da graça e as de outra natureza é que, quanto mais elevadas as afeições da graça, maiores são o apetite e o anseio da alma pelo aumento de realizações espirituais. As falsas afeições, pelo contrário, bastam-se a si mesmas.	288
XII. As afeições santas e cheias da graça têm ação e frutos na prática cristã; isto é, têm sobre o crente que as vive influência e poder capazes de fazê-lo adotar, como prática e profissão de vida, uma conduta absolutamente harmoniosa com as normas cristãs e por elas regida.	293



Prefácio



Não há pergunta mais importante para a humanidade, nem mais preocupante para cada indivíduo bem responder, do que estas: “Quais as características próprias de quem tem o favor de Deus e recebeu o direito às recompensas eternas que ele concede?”. Ou, o que vem a ser o mesmo: Qual é a natureza da verdadeira religião? Além disso, em que consistem os sinais característicos dessa virtude e santidade aceitáveis aos olhos de Deus?”. A despeito da sua importância e da luz clara e intensa com que a Palavra de Deus nos orienta nessa questão, não há nenhum outro tema em que os cristãos professos mais divirjam entre si. Seria interminável enumerar a variedade de opiniões sobre esse assunto que divide o mundo cristão, o que põe em evidência a veracidade da declaração de nosso Salvador: “A porta é estreita, e o caminho que conduz à vida, apertado, e são poucos os que a encontram”.

A reflexão sobre essas questões há muito tem me levado a perscrutar atentamente o tema com o máximo zelo e diligência de que tenho sido capaz e com toda a precisão possível na busca e investigação. Trata-se de um assunto a que minha mente tem se dedicado particularmente desde os primeiros dias em que comecei o estudo de teologia. Mas o juízo quanto ao êxito de minhas perquirições deve ser deixado ao critério do leitor deste tratado.

Tenho consciência de quanto é difícil julgar com isenção o objeto deste discurso em meio à poeira e à fumaça de tal estado de controvérsia em que ora se encontra a nação sobre problemas dessa natureza. Assim como é penoso escrever sem parcialidade, também é difícil ler sem parcialidade. Muitos provavelmente terão o espírito ferido ao descobrir condenada aqui grande parte do que diz respeito às afeições religiosas. Já outros talvez se abalem com indignação e desprezo ao encontrarem aqui tanta coisa justificada e demonstrada. É possível também que alguns estejam prontos para me acusar de incoerente comigo

mesmo por aprovar com tal zelo algumas coisas e condenar com o mesmo zelo outras tantas. Conforme vim a descobrir, tais são as objeções que alguns têm-me apresentado desde o início de nossas últimas controvérsias sobre a religião. É difícil ser amigo zeloso e sincero do que há de bom e glorioso nas recentes e extraordinárias manifestações e muito regozijar-se nisso; e perceber, ao mesmo tempo, a tendência maligna e perniciosa do que é mau e opor-se a isso sinceramente. Todavia, estou plena e humildemente convicto de que jamais estaremos no caminho da verdade, nem trilharemos uma via aceitável por Deus e não estaremos dispostos a promover o progresso do reino de Cristo enquanto não agirmos assim. Na verdade, há algo de muito misterioso nisto, que tanto bem e tanto mal se mesclam na igreja de Deus, bem como misterioso é, e intriga e espanta muitos bons cristãos, haver algo tão divino e precioso quanto a graça salvadora de Deus e a nova e divina natureza habitando no mesmo coração, ao lado de tanta corrupção, hipocrisia e iniquidade de um santo. No entanto, as duas coisas são tão misteriosas quanto reais, e nenhuma é novidade nem raridade. Não é nada novo que, numa época de grande avivamento da religião verdadeira, prevaleça muito de falsa religião. Também não é novidade surgirem nesses períodos multidões de hipócritas no meio dos santos genuínos. Assim foi na grande reforma e avivamento da religião dos dias de Josias — como se lê em Jeremias 3.10 e 4.3,4 — e também na desmedida apostasia que houve na terra logo após o seu reinado. O mesmo ocorreu no profuso derramar do Espírito sobre os judeus nos dias de João Batista, como se observa na enorme apostasia desse povo logo depois de um despertar tão amplo e das efêmeras consolações e alegrias religiosas de tantos: “... quisestes alegrar-vos por um pouco de tempo com a sua luz” (Jo 5.35). Assim foi na notável comoção das multidões com a pregação de Jesus Cristo: muitos foram os chamados na ocasião, mas poucos, escolhidos. Da multidão despertada e tocada pela pregação e que vez ou outra se mostrava fortemente comprometida, cheia de admiração por Cristo e enlevada de alegria, poucos foram os verdadeiros discípulos que suportaram o golpe das grandes provações subsequentes e resistiram até o final. Muitos eram como o terreno pedregoso ou cheio de espinhos, mas relativamente poucos foram como o solo bom. De toda a colheita, boa parte era palha, que o vento depois dispersou; e o monte de trigo que restou era relativamente pequeno, como mostra com largueza a história do Novo Testamento. O mesmo aconteceu no grande derramamento do Espírito nos dias dos apóstolos, como se lê em Mateus 24.10-13; Gálatas 3.1; 4.11,15; Filipenses 2.21; 3.18,19; as duas epístolas aos

Coríntios; e muitas outras passagens do Novo Testamento. Também foi assim na grande Reforma contra o papado. Nota-se claramente que em períodos de grande avivamento da religião, de vez em quando, ocorre à igreja visível de Deus o mesmo que às árvores frutíferas na primavera. Há miríades de flores, todas belas e saudáveis e de aparência promissora de novos frutos; muitas, porém, pouco duram, logo caem e jamais chegam à maturidade.

Não se deve supor, no entanto, que sempre será assim, pois, embora jamais exista neste mundo nem nos santos aqui pureza absoluta, completamente livre de qualquer mistura de corrupção, nem ainda na igreja de Deus, sem nenhuma mescla de hipócritas com santos — ou a combinação de religião falsificada e manifestações ilegítimas da graça com a religião autêntica e a santidade verdadeira —, é evidente que chegará à igreja de Deus uma época de pureza muito maior do que houve em eras passadas, conforme está claro nestes textos da Escritura: Isaías 52.1; Ezequiel 44.6,7; Joel 3.17; Zacarias 14.21; Salmos 69.32,35,36; Isaías 35.8,10; 4.3,4; Ezequiel 20.38; Salmos 37.9,10,21,29. Uma importante razão para ser assim é que, nessa ocasião, Deus concederá a seu povo muito mais luz para distinguir entre a verdadeira religião e suas falsificações. “Ele se assentará como refinador e purificador de prata; purificará os levitas e os refinará como ouro e como prata, até que levem ao SENHOR ofertas com justiça” (Ml 3.3); juntamente com o versículo 18, continuação da profecia do mesmo bem-aventurado período: “Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o mau; entre o que serve a Deus e o que não o serve”.

É por causa da mistura de religião falsificada com a verdadeira, mistura não percebida nem distinguida, que o Diabo tem tido, desde o início até hoje, a maior vantagem contra a causa e o reino de Cristo. É sobretudo por isso que o Maligno tem prevalecido contra todos os avivamentos da religião que já aconteceram desde o estabelecimento da igreja cristã. Com tal artifício, ele prejudica muito mais a causa do cristianismo, durante a era apostólica e depois dela, do que todas as perseguições, tanto as promovidas por judeus quanto por pagãos. Em todas as suas epístolas, os apóstolos mostram-se bem mais preocupados com a primeira perversidade do que com esta última. Foi assim que Satanás prevaleceu contra a Reforma iniciada por Lutero, Zuínglio e os demais reformadores, obstando o seu progresso e fazendo-a cair em desgraça dez vezes maior que todas as cruéis, sanguinárias e antes não conhecidas perseguições da igreja de Roma. Foi com esse expediente maior que o Maligno prevaleceu contra os avivamentos da religião ocorridos em nossa nação desde

a Reforma. Assim foi que triunfou contra a Nova Inglaterra, extinguindo o amor e deteriorando a felicidade de seus defensores cerca de cem anos atrás. E creio ter tido oportunidade suficiente de ver com clareza que desse modo o Diabo prevaleceu contra o recente grande avivamento da religião na Nova Inglaterra, tão feliz e promissor no início. É essa, com todas as evidências, a principal vantagem que Satanás teve sobre nós; com esse expediente ele nos derrotou. Por causa disso, a Filha de Sião nesta terra agora jaz ao chão, em circunstâncias tão dignas de pena como ora a contemplamos: com as vestes rasgadas, o rosto desfigurado, a nudez exposta, as pernas quebradas, encharcada no sangue das próprias feridas e absolutamente incapaz de se levantar, e tudo isso logo depois de suas tão recentes alegrias e esperanças: “Sião estende as mãos, não há quem a console; o SENHOR ordenou que os vizinhos de Jacó se tornassem seus inimigos; Jerusalém se tornou uma coisa impura entre eles” (Lm 1.17). Vi o Diabo prevalecer desse mesmo modo contra dois grandes avivamentos da religião neste país. Satanás continua agindo com a humanidade assim como agiu desde o princípio. Surgindo como aliado do estado feliz e paradisíaco em que estavam nossos primeiros antepassados e fingindo elevar esse estado a níveis ainda mais altos, triunfou sobre eles e os lançou fora do Paraíso, pondo fim repentino em toda a felicidade e glória que desfrutavam. Assim também a mesma serpente astuciosa, que com sua sutileza enganara Eva, desviando-nos da simplicidade que há em Cristo, prevaleceu de repente privando-nos da bela esperança que desfrutamos algum tempo atrás — uma espécie de estado paradisíaco da igreja de Deus na Nova Inglaterra.

Depois que a religião é avivada na igreja de Deus, e surgem os inimigos, os mais empenhados na defesa da causa normalmente têm seus pontos mais vulneráveis expostos ao perigo. Com a atenção toda voltada para enfrentar a oposição que se manifesta perante eles e sem dar a devida e zelosa atenção a seus flancos, o Maligno os ataca por trás, sem ser visto, aplica-lhes uma punhalada fatal e tem oportunidade de aplicar um golpe mais eficaz e ferir mais fundo, pois ataca à vontade, livre de toda resistência ou guarda.

Portanto, é provável que continue sendo assim na igreja, toda vez que a religião for vivificada de modo extraordinário, enquanto não aprendermos a distinguir com lucidez entre a verdadeira e a falsa religião, entre as afeições e experiências salvadoras e as multiformes ostentações de aparência esplendorosa com que são falsificadas. Tais falsificações, quando não discernidas, amiúde têm consequências extremamente pavorosas. Com isso, o Diabo se satisfaz, fazendo

que a adoração devida a Deus pelas multidões, com a intenção de ser-lhe um culto agradável e aceitável, seja acima de tudo abominável ao Senhor. Com essas falsificações, o Maligno engana multidões acerca do estado da alma de cada um, fazendo as pessoas pensarem que são alguma coisa, quando não são nada. Desse modo, arruína-as eternamente; e não apenas isso, mas também gera em muitos a firme certeza de sua eminente santidade, conquanto, aos olhos de Deus, sejam os hipócritas mais abjetos. Por esses meios, ele sufoca e fere de diversas maneiras a religião no coração dos santos, obscurecendo-a e deformando com misturas corrompidas, fazendo que suas afeições religiosas se degenerem deploravelmente, e às vezes por um período considerável assemelhem-se ao maná que criou vermes e ficou cheirando mal; além de enredar e perturbar miseravelmente o entendimento de outros santos e os expor a sérias dificuldades e tentações, enredando-os numa selva da qual não conseguem sair. Com tais falsificações, Satanás anima e enche de vigor o coração dos inimigos declarados da religião, fortalece-lhes as mãos, abastece-os de armas e lhes fortifica o castelo; ao mesmo tempo, a religião e a igreja de Deus ficam expostas a eles como uma cidade sem muros. Com isso, ele faz os homens praticarem a iniquidade pensando que cultuam a Deus, e assim pecarem sem limites, com fervorosa intrepidez e zelo, com todas as forças. Desse modo, ele leva até os amigos da religião a fazer inadvertidamente o trabalho dos inimigos, destruindo a religião de um modo muito mais eficiente que os inimigos declarados, julgando que estão fazendo-a progredir. Assim o Diabo dispersa o rebanho de Cristo e os joga uns contra os outros com intenso ardor espiritual, na intenção de ser zelosos por Deus; e a religião degenera-se pouco a pouco em disputas vãs. Em meio ao conflito, Satanás desvia as duas partes para longe do caminho reto, conduzindo-as a extremos opostos, uma à direita e outra à esquerda, conforme as inclinações de cada uma, ou conforme são mais facilmente levadas e agitadas, até que a via média correta seja quase totalmente ignorada. Nessa confusão, o Diabo tem a excelente oportunidade de promover seus próprios interesses e os fortalecer de modos incontáveis, tomando em suas próprias mãos o governo de todos e realizando sua vontade. Pelo que se vê das terríveis consequências de não distinguir a religião falsa da verdadeira, o povo de Deus em geral passa a ter a mente desequilibrada e perturbada nas coisas da religião sem saber onde firmar o pé, nem o que pensar e fazer. Assim, muitos são induzidos a duvidar de que a religião valha mesmo a pena; e a heresia, a infidelidade e o ateísmo prevalecem com sucesso.

Portanto, cabe-nos a gigantesca incumbência de nos empenhar ao máximo para discernir com clareza, definir e demonstrar em que consiste a verdadeira religião. Enquanto não fizermos isso, é de esperar que os grandes avivamentos da religião não durem muito tempo. Enquanto não fizermos isso, pouco há que esperar de nossos apaixonados debates em conversas e nos escritos, sem saber com plena clareza pelo que devemos lutar.

Meu intento é dar minha modesta contribuição e o melhor do meu trabalho (embora diminuto) para este fim no tratado a seguir, deixando claro, porém, que minha intenção atual é um pouco diferente da que publiquei antes. Anteriormente eu pretendia mostrar os *sinais característicos da obra do Espírito de Deus*, entre eles suas operações comuns e os salvíficos, mas agora almejo mostrar a natureza e os sinais das *operações da graça* do Espírito de Deus, mediante os quais elas devem distinguir-se de tudo quanto afete a mente dos homens que não seja de natureza salvadora. Se tiver êxito em meu objetivo, com um pouco de tolerância, espero que ele venha a promover os interesses da religião. Além disso, quer eu consiga lançar alguma luz sobre essa matéria, quer não, e embora minha tentativa corra o risco de ser reprovada nesses dias capciosos e gravemente críticos, confio que o Deus cheio de misericórdia e graça aceitará a sinceridade de meu empenho; conto também com a franqueza e as orações dos verdadeiros discípulos do manso e bondoso Cordeiro de Deus.



PRIMEIRA PARTE





Sobre a natureza das afeições e sua importância na religião



Pois, sem tê-lo visto, vós o amais e, sem vê-lo agora, crendo, exultais com alegria inexprimível e cheia de glória (1Pe 1.8).

Com essas palavras, o apóstolo retrata o estado de espírito dos cristãos a quem escreve, então sujeitos a perseguições. É a essas perseguições que ele se refere nos dois versículos anteriores, quando fala da provação da fé desses crentes e das múltiplas provações pelas quais estão sendo afligidos.

Tais provações constituem um benefício triplo para a verdadeira religião, por elas a sua verdade se manifesta, e ela se mostra de fato a religião genuína. Acima de tudo, as provações costumam distinguir entre a verdadeira e a falsa religião e fazer que a diferença entre elas se manifeste com clareza meridiana. Por isso têm o nome de *provações* no versículo imediatamente anterior ao texto e em outras inumeráveis passagens. Elas põem à prova a fé e a religião dos professos para verificar de que tipo são, assim como o que parece ouro é provado pelo fogo e se manifesta verdadeiro ou falso. A fé do cristão genuíno, assim testada e comprovada verdadeira, redundará em “louvor, glória e honra”, como afirma o versículo precedente.

Desse modo, as provações são um benefício a mais para a verdadeira religião, pois não somente revelam sua verdade, mas também lhe fazem manifestar extraordinariamente a genuína beleza e atratividade. A verdadeira virtude jamais parece tão bela como quando é mais oprimida, e a excelência divina do verdadeiro cristianismo nunca se mostra tão benéfica como quando passa pelas maiores provas. É nessas ocasiões que a fé autêntica se mostra muito mais preciosa que o ouro. Também por causa disso ela redundará “em louvor, glória e honra”.

Mais uma vez, outro benefício que as provações trazem à religião verdadeira está em purificá-la e desenvolvê-la. As provações não só manifestam a religião verdadeira, mas também costumam refiná-la e livrá-la das misturas de falsidade — que a sobrecarregam e obstruem —, de tal modo que nada mais reste de espúrio, mas somente o que é verdadeiro. Elas revelam da melhor maneira possível a atratividade natural da verdadeira religião, como já se disse. E não somente isso, mas também costumam aumentar-lhe a beleza, proclamando-a e confirmando-a, tornando-a mais cheia de vida e vigorosa e purificando-a de tudo quanto lhe obscurece o brilho e a glória. Assim como o ouro provado no fogo é purificado das ligas com outros metais e de todos os refugos, tornando-se mais sólido e mais belo, também a fé verdadeira, provada no fogo como o ouro, torna-se mais preciosa e redundante “em louvor, glória e honra”. No versículo que antecede o texto, o apóstolo parece ter em vista cada um desses benefícios que as perseguições representam para a verdadeira religião.

Nessa passagem, o apóstolo observa como a religião verdadeira se manifestava nos cristãos perseguidos a quem ele escreve e de que maneira os benefícios da perseguição se mostravam neles; ou que modo de funcionamento da religião verdadeira atuava neles, de sorte que, sob a perseguição, tal religião revelava-se autêntica e patenteava-se absolutamente na beleza e atratividade genuínas, mostrando-se também aumentada e purificada; e tudo isso para “redundar em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo”. Naqueles cristãos em sofrimento, havia duas espécies de atuação, ou exercício, da religião verdadeira, para as quais o apóstolo chama a atenção no texto, nas quais se viam tais benefícios.

1. *Amor por Cristo*. “Pois, sem tê-lo visto, vós o amais.” O mundo se perguntava que estranho princípio era esse que os levava a se expor a tamanhos sofrimentos, a abrir mão das coisas visíveis, renunciar a tudo quanto lhes era caro e agradável, qual era o objeto do sentido. Para as pessoas do mundo ao seu redor, era como se eles estivessem fora de si, como se tivessem ódio por si mesmos. Essas pessoas não conseguiam ver nada que as induzisse a sofrer assim, nem que as fizesse passar por tais provações. Contudo, apesar de não haver nada visível, nada que o mundo pudesse enxergar, nem nada que os próprios cristãos vissem com os olhos físicos e, portanto, os inspirasse e sustentasse, ainda assim eles tinham um princípio sobrenatural de amor por algo *invisível*; amavam Jesus Cristo, pois enxergavam com olhos espirituais aquele que o mundo não enxergava, a quem eles mesmos jamais tinham contemplado com os olhos físicos.

“A verdadeira religião, em grande medida, consiste em afeições santas.”

Qual é a natureza da verdadeira religião? Quais são os sinais característicos dessa virtude e santidade aceitáveis aos olhos de Deus? Para Jonathan Edwards, essas são as perguntas mais importantes que devemos nos fazer. De forma brilhante, o autor mostra que as respostas podem ser encontradas em nosso próprio coração, cuja vontade e inclinação só serão compatíveis com a grandiosidade de Deus se forem intensas e cheias de vigor. Ou seja, se elas se transformarem em *afeições*.

Em *Afeições religiosas*, Jonathan Edwards, figura central do Primeiro Grande Despertamento, nos presenteia com uma descrição pormenorizada dos sinais verdadeiros e falsos do avivamento religioso.

Considerado um dos grandes clássicos da literatura evangélica e adornando uma teologia estranha à maioria dos cristãos pós-modernos, *Afeições religiosas* assenta a pedra angular do pensamento cristão de meados do século 18. Impossível de desprezar, a obra demanda uma resposta da nossa parte. Ninguém pode ler este livro sem ser transformado. O nível de discipulado que ele requer pode até mesmo sacudir os leitores modernos, e a obra é sem dúvida a mais extrema importância e necessidade.